

Breves notas de introdução à sessão comemorativa do 50^o Aniversário da inauguração do Reactor Português de Investigação

Frederico Carvalho

Muito boas tardes, caros amigos e colegas. Em primeiro lugar, a minha satisfação por estar aqui hoje, convosco, e por me ter sido dada esta oportunidade para orientar, digamos assim, esta primeira sessão, que é uma sessão que nos vai levar de alguma maneira a fazer uma viagem pelo passado, o que é sempre positivo, porque o passado encerra muitas lições que será bom não esquecer quando se olha para o futuro.

O Reactor Português de Investigação é a infraestrutura científico-técnica de maior dimensão existente no País. É parte de um laboratório público cujo lançamento constituiu a seu tempo uma decisão de investimento em instalações e equipamentos num único polo técnico-científico, tomada de uma assentada, que não tem porventura paralelo entre nós. Acresce que o processo, diga-se, simbolicamente, do gabinete ao estirador e do estirador ao terreno, foi concretizado num intervalo de tempo anormalmente curto se comparado com o que parece ser hoje habitual. Acresce que o empreendimento foi delineado à partida com a competência de quem sabe exactamente o que importava fazer nascer e para quê.

À cabeça do projecto e na sua concretização encontrava-se ao leme um homem, de seu nome, Carlos Madeira Cacho, primeiro e único dirigente do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, alguém que soube levar o barco a bom porto, manobrando habilmente entre escolhos, escolhos físicos mas também escolhos humanos, de carne e osso, perigosos, por vezes, e duros de roer, escolhos que os mais velhos de entre nós conheceram e sabem avaliar. Presto-lhe uma homenagem sentida.

Gostaria de fazer uma breve referência a alguns factos passados que se prendem com as origens do nosso reactor de investigação já que admito poderem não ser conhecidos de alguns dos elementos mais jovens, aqui presentes, presença que saúdo com especial carinho. Representam o futuro em que tenho sólida esperança.

Em Dezembro de 1953, o Presidente dos EUA, Dwight Eisenhower, pronunciou na Assembleia Geral das Nações Unidas um discurso que ficou conhecido como o discurso dos “Átomos para a Paz”. Aí anunciou a decisão de promover as aplicações pacíficas da energia nuclear através de um programa de transferência de conhecimento tecnológico especializado na área nuclear que incluía o apoio à aquisição de reactores nucleares de investigação, programa esse alargado a países menos evoluídos no plano das ciências e tecnologias nucleares, aliás ainda incipientes, e abrangendo também países do então chamado “terceiro mundo”. Portugal foi um dos países contemplados. A contribuição financeira não foi substancial mas o apoio técnico foi-o. Os reactores então em causa eram de um mesmo modelo e é por essa razão que se encontram hoje ainda em vários países, instalações basicamente idênticas ao nosso RPI. Na Grécia, outro dos países contemplados, a potência do seu reactor foi aumentada para 5 MW (era inicialmente 1 MW, como o RPI). Noto de passagem que dois tubos de extracção de feixe instalados no reactor grego, foram projectados aqui e construídos por uma empresa portuguesa.

É curioso saber que os primeiros reactores nucleares construídos no Irão e no Paquistão, foram-no ao abrigo do programa “Átomos para a Paz”. Vejam as voltas que o mundo dá! Ambos foram fornecidos, tal como o RPI e o reactor grego “Demócritos” pela companhia American Machinery and Foundry, que nos anos 50 fabricava bicicletas, e hoje em dia se dedica ao fabrico de bolas de *bowling*.

Termino recordando um pequeno volume de divulgação científica que tem o título “Energia Nuclear” da autoria de Rómulo de Carvalho, publicado em 1962, na sua colecção “Ciência para Gente Nova”. Quase no fim do livrinho, encontra-se um capítulo



Fotografia da mesa. Da esquerda para direita:

Jaime da Costa Oliveira, Júlio Pistachini Galvão, Frederico Gama Carvalho, António Gonçalves Ramalho, Cândido Marciano da Silva.

intitulado “O reactor nuclear português instalado em Sacavém”. Daí respigo a seguinte passagem, marcada por uma sobriedade que faz ressaltar a importância do que transmite: “O reactor foi posto a funcionar pela primeira vez no dia 25 de Abril de 1961 depois de um trabalho fatigante que ocupou todo o dia e toda a noite da véspera, 24, e a madrugada de 25, numa sucessão de vinte e tantas horas. No dia 26 foi o reactor visitado pelos representantes da Imprensa, da Rádio e da Televisão e no dia 27, pelas 10 horas da manhã, foi inaugurado oficialmente,” (fim de citação).

Agradeço a vossa atenção.

Frederico Gama Carvalho
27 de Abril de 2011

Júlio Pistachini Galvão, alguém que desde muito cedo, integrou o pequeno grupo de homens, que deve ser visto como pioneiro da implantação do LFEN no terreno onde veio a nascer e que como tal, ainda muito jovem, partilhou a pesada responsabilidade de transformar o sonho em realidade.

António Gonçalves Ramalho esteve à frente da equipa que naquela primeira noite viu surgir e permanecer ao fundo da piscina do reactor, a luz, encantatória, de um belíssimo azul, que anuncia a estabilidade do fluxo neutrónico vital banhando o coração do reactor. Nessa primeira noite ele teve alguns ajudantes, menor pela parte que me toca mas emocionado. Um deles chama-se **Cândido Marciano da Silva** e dir-nos-á certamente como viveu essa noite.

Apresentações dos membros da Mesa

Jaime da Costa Oliveira, protagonista muito especial ao longo de quase meio século (desde Abril de 1963) do empreendimento singular que hoje assinalamos aqui, alguém cujo percurso profissional se funde e identifica por inteiro com a vida, e as transformações que ao longo do tempo foram acontecendo no campus nuclear de Sacavém, nem todas positivas a meu ver, mas que ele quis e ninguém como ele soube registar, em obra escrita, de forma rigorosa, isenta e completa. Obra que é herança preciosa para os que vieram – e para os que virão – depois de nós.